

EDUCAÇÃO REPRESSIVA: OBSERVAÇÕES SOBRE O MÉTODO QUE A REGE

VEIGA, Adriana Almeida¹

RESUMO

O presente estudo trata da educação aos moldes culturais do qual se está inserido num processo de alargamento intencional de acomodação e transferência de modos de viver em sociedade, na história da humanidade. Partindo-se do conceito de que é necessário superar o pensamento positivista que se mostra limitado para o pensamento libertário, torna-se possível, a partir disto, atrelar a teoria com a prática sob o viés da criticidade; que reconhece sua historicidade. A contradição presente na dialética remete ao conflito. Contradizer, porém, vai além de mostrar o lado negativo das coisas; é, sobretudo, passar de uma concepção positivista do mundo para uma concepção crítica da história. Com objetivo de analisar a educação repressiva, tem como objetivo específico demonstrar as relações sociais que permeiam a educação na modernidade num viés de interfaces quanto as suas manifestações. A análise sobre a repressão que circunda o processo de educação tanto familiar quanto escolar, pressupõe que levantemos a questão para as consequências sociais da Educação Repressiva ao longo da história humana. Justificando-se por ser um tema social e atual, requer de embasamento teórico específico e, para isso, recorreu-se à Marx (1974), Dias (2014), Schlesener (2014) dentre outros, para uma breve análise do ser humano enquanto produtor e construtor de sua história.

Palavras-chave: Educação repressiva. Humanidade. Sociedade.

ABSTRACT

The present study deals with education to the cultural molds of which it is inserted in a process of intentional enlargement of accommodation and transference of ways of living in society, in the history of humanity. Starting from the concept that it is necessary to overcome the positivist thought that is limited

¹ Possui graduação em Pedagogia, Especialização em Diversidade e Cidadania, Educação Especial e Inclusiva, Especialização em Filosofia e Especialização em Formação de Tutores em EAD. É professora estatutária da Prefeitura da Cidade da Lapa, estado do Paraná com 40 horas, mestrandona Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. É Bolsista Cnpq e integrante da equipe da Revista: Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional. Também é integrante do Núcleo de Pesquisa em Educação do Campo, Movimentos Sociais e Práticas Pedagógicas (NUPECAMP).

to the libertarian thought, it becomes possible, from this, to link theory with practice under the bias of criticality; which recognizes its historicity. The contradiction present in the dialectic refers to conflict. Contradiction, however, goes beyond showing the negative side of things; is, above all, to move from a positivist conception of the world to a critical conception of history. With the objective of analyzing repressive education, it has the specific objective of demonstrating the social relations that permeate education in modernity in a bias of interfaces and their manifestations. The analysis of the repression that surrounds the process of both family and school education presupposes that we raise the question for the social consequences of Repressive Education throughout human history. Justifying itself as a social and current issue, it requires a specific theoretical basis and, for this, we used Marx (1974), Dias (2014), Schlesener (2014) among others, for a brief analysis of the human being producer and builder of its history.

Keywords: Repressive education. Humanity. Society.

INTRODUÇÃO

Analisar a educação que recebemos, as regras e normas que internalizamos ao longo da nossa história remete a retomar pontos da existência como base para analisar a importância e influência que a educação exerce sobre a vida humana. Ao nascer, o sujeito é equipado de sentidos que ao longo de sua vida, gradativamente e conforme os estímulos vão se aprimorando. Dessa forma, o ambiente no qual está inserido é determinante para sua formação tanto psíquica quanto social. Decorre daí, a formação de sujeitos ativos ou passivos; dependerá dos elementos envolvidos e as concepções de homem do qual o meio lhe propôs. A emancipação humana, processo do qual decorrem necessariamente a intervenção e inserção social para que se efetivem a participação política e social dos sujeitos, se dá a partir do fim da desigualdade social e, para tanto, é preciso que haja mudanças, a começar pela escola. Quanto ao que é processo emancipatório, Schelesener diz que:

A escola, enquanto instituição voltada para a formação para o trabalho recebe ainda a função de possibilitar as condições de emancipação a partir da formação de um pensamento autônomo. Para tanto, precisa identificar as possibilidades de compreensão do todo e as contradições que permeiam a realidade social e política. Não se pressupõe aqui o sonho de uma sociedade emancipada e organizada em torno de interesses coletivos, mas se entende que a escola tem a função de formar para o trabalho numa sociedade marcada pela divisão social, limite no qual atua a escola pública. Explicitar as contradições e as correlações de forças que permeiam o social se apresenta como o grande desafio, que exigem a inserção de novos métodos de ensino e de formação continuada dos docentes, a fim de criar as condições de uma formação integral. Formar novas subjetividades capazes de reconhecer suas raízes sociais e culturais a fim de compreender a sua inserção no mundo, esse poderia ser o objetivo primordial da escola pública. Renovar a escola por dentro, questionando currículos, métodos de ensino, fragmentação do conhecimento, objetivos das políticas públicas que retratam projetos de governo e não projetos de sociedade, seria a tarefa inicial no Brasil, a fim de recuperar inicialmente as condições de qualidade do ensino ministrado. Esta é uma tarefa que em algum momento precisa ser enfrentada tendo como pressuposto a compreensão do todo para manter as possibilidades de uma crítica (SCHELESENER, 2013, p. 60-61).

Os limites que a escola pública brasileira enfrenta são referentes à realidade política e social. A formação para o trabalho do qual decorre a intencionalidade escolar presente às formas de subjetividades que possam reconhecer-se como sujeito de seu meio compreendendo e reconhecendo sua identidade para inserção social; no mundo. Partindo-se de uma renovação da escola por dentro, os passos para a mudança seriam a reestruturação do currículo (no viés da emancipação humana e não apenas do trabalho), dos métodos do ensino, a fragmentação do conhecimento, o “emaranhado” que decorrem as políticas públicas no viés da participação da sociedade quanto as suas efetivações, performances e resultados para o coletivo.

As contradições decorrentes do processo de existência humana decorrem de sujeitos capazes de interpretar os fatos com senso crítico, transpassando seu empirismo, porém, utilizando-o como ponto de partida para compreensão do outro e de seu meio. Nesta interface, a compreensão da

existência do método, seja ele dialética ou positivista, requer um debruçar sob leituras que necessitam envolvimento, interpretação e síntese para elaborar conceitos e desprender as amarras do desconhecimento. Platão em “A República” (514a- 517c), em “A alegoria da caverna”, sintetiza exatamente isso; é preciso buscar o novo, desprender-se, ir ao encontro da luz, do conhecimento; da ciência.

Na crise é aparente a subordinação da força produtiva (o trabalhador) que vive à mercê do modo de produção. Ao se calar, a sociedade se aliena mostrando-se aceitante; passiva aos acontecimentos e pressões a que é submetido. Para superar a contradição da força produtiva que explora e divide a sociedade em classes é necessário intervenção e ação dos movimentos sociais para se contrapor ao modo de produção capitalista. Quando há uma resistência e organização da sociedade, em geral, tem-se como resultante a revolução. Transformar o que existe; o modo de produção num novo método onde as classes tenham condições de sobreviver com dignidade, sem fome, sem condicionantes e com qualidade em igual teor e quantidade que as demais (atuais), resultando no acesso de todos aos serviços e bens historicamente construídos pela humanidade.

EDUCAÇÃO REPRESSIVA E SOCIEDADE

Um breve resgate histórico se faz necessário para compreender a crise atual da economia e analisar as políticas decorrentes da perda de direitos e estreitamento nas relações democráticas- políticas nas quais estamos inseridos.

Platão na Alegoria da Caverna demonstra que somos condicionados ao meio do qual estamos inseridos. Isso remete a analisar a educação que recebemos e as respostas que damos à realidade que nos cerca e toda gama de acontecimentos tanto estruturais como conjunturais dos quais perpassamos, muitas vezes, alienados ou mesmo indiferentes. Neste percurso histórico, a

partir da Revolução Industrial quando o mundo passa da produção artesanal para a produção em serie, o mercado se expande para o mundo do qual sofre profundas transformações. O proletariado e a burguesia, duas classes distintas; antagônicas, separados e ao mesmo tempo dependentes, “amarrados” pelo capital. De um lado, a força de trabalho, o sujeito que necessita de trabalho para sobreviver ou manter-se “vivo”. Do outro, a burguesia, atualmente, o capital do qual é detentor o empresário, que possui a propriedade privada; os meios de produção. Para clarear essa informação, uma pesquisa que demonstra que “5 bilionários brasileiros têm mais dinheiro que a metade mais pobre do país” (FRABASILE, 2018, s/p) tende a realizar uma análise da conjuntura atual e os caminhos dos quais a sociedade trilhou ao longo da história da humanidade para deixar-se dominar. Enquanto grande parcela da população sofre pela falta de acesso tanto das necessidades básicas quanto da sua alienação, fator esse gerador da primeira, outras “desfrutam” da alienação quanto a situação decadente do outro; a detenção do poder de compra e uso subordina as classes baixas à miséria, enquanto as classes medias e altas, à exploração da mão de obra da classe baixa. A condição de periferia pensada por Santos (2000) para explicitar o poder vertical do qual se segue faz-se presente nas análises decorridas. Contudo, um depende do outro e isso cria uma relação de contradição.

O trabalho, para Marx, é criação da vida (valor de uso). O homem precisa trabalhar os animais não. O trabalho no sistema capitalista é fonte de riqueza para os donos da produção, mas é expropriação da vida para o trabalhador (valor de troca, escravidão). No materialismo, tem-se a produção de bens de consumo realizado pelo trabalho (que age e transforma a natureza). Neste processo, essa contradição se dá por meio de três momentos distintos: tese, antítese e síntese. No capitalismo tudo vira mercadoria inclusive a força de trabalho. Se a educação forma para o trabalho, então está formando mercadoria. A prática pedagógica camuflada na intencionalidade de alimentar e desenvolver o consumo e o aluno é consumista. Os discursos em sala de aula que remetem ao consumo desenfreado seguem os moldes e anseios do capital. Um exemplo clássico é o trabalho em sala de aula que alguns professores insistem desenvolver: a reciclagem de garrafas pet. A intenção e

objetivo de uma aula é reciclar, porém, ao modo de produção capitalista é incentivar o consumo. Esse discurso enganoso por trás da aula do professor alimenta o capital presente na escola mesmo camuflado. Para perceber isso, o professor precisa buscar conhecimentos e formação continuada.

No Mito da Caverna, Platão propõe a formação para a criança viver na cidade para que seja governada não pela poesia, mas pela linguagem científica. Platão quer, em vez do mito, que a cidade seja regida pela ciência e a técnica. Para expressar isso, utiliza das imagens da caverna (ainda que não quisesse trabalhar com mitos os utilize). Conta uma história que é um símbolo do processo educativo (que pode ser lido de diversas formas). Os homens que vivem no fundo da caverna, aprisionados, só podem olhar para o fundo dela (sociedade da caverna). Na saída, tem um fogo que projeta luz nas paredes do fundo. Entre o fogo, passam pessoas levando animais e objetos. Os homens do fundo da caverna vêm as sombras projetadas na parede. Acham que é a realidade; o mundo, porém, são as sombras.

Um dos prisioneiros é forçado a se libertar (alguém o liberta); (essa é a figura do professor). Força o homem a se dirigir a escadaria e sair para fora da caverna para lhe mostrar o real. A saída da caverna é um processo doloroso. A pedagogia não precisa ser sempre agradável, lúdica, ela precisa mostrar o mundo como ele é; isso, muitas vezes não é prazeroso. O conhecimento, segundo Platão, é um processo doloroso. Com o tempo, com insistência, suportando a dor, buscar conhecimento se torna prazer. O conhecimento, dessa forma, deve ser conquistado à partir do esforço individual de cada um; esse é o processo de educação. Questionar é sair da caverna. Ao sair da caverna que é uma ilusão, uma mentira, o sujeito se dá conta de que ele deixou companheiros no fundo dela; retorna para contar o que adquiriu. Porém, a escuridão que já havia esquecido, ofusca-lhe os olhos e fica confuso; tropeça, fica tonto, não se faz entender (antítese à prática docente quando não é compreendida pelos alunos; quando a linguagem não é appropriada, entendível). Para os que estão dentro da caverna, ver o companheiro confuso remete a excluí-lo do convívio e o matam. Esse fator remete ao fato de tentar impor uma cultura a um povo, por exemplo.

Se o professor não consegue convencer os alunos para analisar o mundo de forma diferente a que sempre analisou, os alunos não o aceitarão. Há formas de educar demonstrando o outro lado do mundo; formas como povos de diferentes regiões vivem. Se não há diálogo e trocas não há relação pedagógica.

A matéria social, para Gramsci, consiste na conquista de um conhecimento solidificado em autonomia e liberdade para desenvolver-se integralmente: a base da democracia é popularizar o conhecimento.

Os intelectuais não saem do povo, ainda que acidentalmente algum deles seja de origem popular; não sentem ligados ao povo (à parte a retórica), não conhecem e não se sentem suas necessidades, suas aspirações e seus sentimentos difusos; mas são, em face do povo, algo destacado, solto no ar, ou seja, uma casta e não uma articulação (com funções orgânicas) do próprio povo (GRAMSCI, 2002. p.43).

Dessa forma, é preciso que das classes dominadas, surjam intelectuais. Mesmo no empirismo, os saberes decorrentes de vivências podem estabelecer um diálogo com o conhecimento científico. Porém, para que haja apropriação do conhecimento é preciso que a escola trabalhe com o aluno buscando o desenvolvimento de sua “[...] liberdade, da formação da personalidade, da possibilidade de realização plena das capacidades individuais e coletivas” (SCHALEENER, 2013, p. 61). A educação poderia se voltar para a formação de sujeitos aptos a exercer seu papel de cidadão junto aos fatos de sua época a fim de mudar o futuro. Estar subordinado e alheio à questões sociais, políticas, econômicas, educacionais e culturais é aceitar a ordem vigente e o modo de produção infundido. A uniformização cultura da qual se é submetido desde o nascimento à morte, só é possível devida a aceitabilidade social e não organizacional do povo.

É no cotidiano, no aqui e agora, que radica o espaço em que as formas de vida dos dominantes são passados para os

dominados como as únicas formas possíveis de pensar, agir, sentir, elaborar conhecimentos e estratégias. O domínio de uma classe (e de seu bloco de poder) determina o que pensar o que estudar e até mesmo o que e como amar (DIAS, 2014, p. 28).

A uniformização de ideias, correntes pedagógicas, modismos na educação, na cultura, em geral, na forma de vestir e se portar perante a sociedade é regida pelo capital. Uma fábrica, por exemplo, ao produzir um modelo de celular, espera que ele seja utilizado pelo maior número de consumidores possíveis. Estes, por sua vez, que esperam “inovações tecnológicas” para satisfazes suas necessidades, buscam no produto algum aspecto funcional que o outro não tinha. Nessa corrente desenfreada de consumismo, temos a realidade atual; o consumo desenfreado de altas tecnologias que, muitas vezes, não são utilizadas. Há a infusão do poder e esse se dá a partir da propriedade dos bens de consumo. Paire, socialmente, que o poder aquisitivo é que permeia as relações quando o poder do pensamento e do senso crítico é que deveriam influenciar a vida social.

É a partir do processo vital e do conjunto de relações sociais produzidas que nascem as representações ideológicas, o imaginário social, enfim, o que o homem pensa de si e do mundo a sua volta. Em outras palavras, falar de educação implica explicitar conceitos como trabalho, mercadoria, alienação, democracia, liberdade, Estado, burocracia, etc., todos visando esclarecer a ideia de emancipação no contexto da luta por uma nova ordem social e política (SCHLESENER, 2016, p. 47).

A luta de classes na atualidade está latente. Manipulada pelos meios de comunicação de massa, difunde-se a ideia do conformismo, da aceitação e tolerância ao regime excludente no qual se está inserido. A classe operária com a perda de direitos tendo que trabalhar, quando tem emprego, o dobro para poder sustentar sua família, em regime semelhante à escravidão. O pouco que recebe pela venda de sua mão de obra, é insuficiente para obter produtos e serviços necessários para sua subsistência. A empresa, por sua vez, utilizando-se da mais- valia, beneficia-se na exploração da força produtiva, a saber:

A produção da mais-valia absoluta se realiza com o prolongamento da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador produz apenas um equivalente ao valor de sua força de trabalho e com a apropriação pelo capital desse trabalho excedente. [...] [A mais-valia relativa pressupõe que a jornada de trabalho já esteja dividida em duas partes: trabalho necessário e trabalho excedente. Para prolongar o trabalho excedente, encurta-se o trabalho necessário com métodos que permitem produzir-se em menos tempo o equivalente ao salário. A produção da mais-valia absoluta gira exclusivamente em torno da duração da jornada de trabalho; a produção da mais-valia relativa revoluciona totalmente os processos técnicos de trabalho e as combinações sociais (MARX, 2006, p. 578).

Na mais valia absoluta, o empregador explora o trabalhador condicionando-o a uma jornada de trabalho excedente da qual se poderia vivenciar ocasiões que o determinasse como ser humano e não como um objeto e alcance de objetivos pré estabelecidos. Para Marx, o trabalho excedente é o lucro do patrão; do dono da fábrica. Atualmente, o lucro está na informação midiática que aliena os sujeitos de tal forma que os mesmos passam a acreditar nas mentiras que assiste e escuta, e, como se não bastasse, divulga-la com coerência e convicção de suas percepções. Esse “conhecimento midiático” nada tem a ver com os fatos escondidos pela “cortina de fumaça” da qual perpassam a sociedade, a política e a economia.

Contradictoriamente, na crise atual, o capitalismo passa por uma crise orgânica. A tendência é aprofundamento da barbárie, da fome, da miséria. Para resolver o quadro atual, a revolução com implantação de outro modelo de sociedade, de modo de produção e política pública. A centralidade na práxis humana na produção e reprodução da vida social, incluindo a produção do conhecimento. Nesta mudança, a extinção da divisão de classes onde os sujeitos têm direitos em igualdade aos outros sujeitos. A apropriação da vida, autonomia de pensamento, direito de escolher o que vestir o que falar o que pensar, como, onde e quando. Se a educação repressiva deixava esses elementos adormecidos, numa educação não repressiva os sujeitos serão mais humanos, com identidade própria e com autonomia de pensamento; a emancipação humana em sua totalidade a serviço da plenitude de vida.

O positivismo, neoliberalismo e liberalismo são ideologias porque escondem a idéia de classe. São percepções invertidas da realidade onde a idéia econômica prevalece. Portanto, tudo é construído e constituído historicamente. Nada é natural. O tempo e o espaço moldam os sujeitos, a sociedade e seu modo de vida. Se o trabalho é o principal objetivo da escolarização no modo de produção capitalista, em um modo diferente, a vida, o humano estaria em primeiro plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A classe trabalhadora explorada pelo capital se vê a mercê da sorte à lutar por condições de vida. Historicamente construída, a humanidade requer de uma remodelagem no sentido de perfazer um caminho propício para que intelectuais surjam das massas; multidões de encarcerados pelo sistema capitalista, os escravos. Como tais, unificar a classe trabalhadora como tal é reconhecer-se como expropriado de um sistema que exclui, que escraviza e condena a educação aos moldes de ideologias das classes dominantes. Organizar-se para modificar o que impõe é revolucionar. Para tanto, intelectuais da base trabalhadoras, da força de trabalho da qual o capital depende requer de envolvimento em conjunto já que há uma sistema implantado de educação repressiva para a manutenção da exploração.

Disseminar a luta, a desalienação, a união de forças para sobrepor-se ao que existe. A estagnação tendenciosa a que estamos submetidos nos levará para a miséria, a fome, a violência; o caos. A homogeneização que o capitalismo impõe às massas precisa ser abolida. As culturas dos territórios são riquíssimas. Não é sabido, mas a mídia manipula, impõe costumes e modos de viver. A partir do momento que surjam das massas intelectuais, a voz do povo em meio às suas reais demandas enaltecerão verdades que necessitam ser enfatizadas. Há povos que possuem culturas distantes e não querem perder para culturas midiáticas que visam a homogeneidade e o lucro. Neste sentido, uma educação que permita ao sujeito descobrir e assumir sua

identidade é o ponto de partida para iniciar um processo de mudança em todas as instâncias sociais.

A partir da escola se pode fomentar a formação de movimentos que idealizem mudanças no quadro de ordem vigente, no modo de produção e nas relações de poder. Para isso, a educação necessita buscar desenvolver nos alunos o senso crítico que utilize do empirismo como ponto de partida para o desenvolvimento de novos conhecimentos.

A prática pedagógica docente a serviço de uma educação emancipatória é aquela que se volta a resolver e buscar saídas para os problemas sociais vigentes. É a partir dela que os alunos podem aprender a buscar e formular hipóteses, solucionar questões referentes à vida, à repressão, ao modo de produção que aliena, explora e submete a sociedade à divisão; ao regime semelhante à escravidão. É o retrocesso, o abismo, o fim da linha. Se não houver mudanças, o caos se instala. Revolução é a palavra-chave para a solução.

REFERÊNCIAS

DIAS, Edmundo Fernandes. *Notas sobre a hegemonia*. In: SCHLESENER, Anita Helena (et al.). Filosofia, política e educação: Leituras de Antonio Gramsci. Curitiba: UTP, 2014. p. 19- 34.

FRABASILE, Daniela. *5 Bilionários brasileiros têm mais dinheiro que a metade mais pobre do país*. Revista Época Negócios. Copyring, editora Globo, 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/01/5-bilionarios-brasileiros-tem-mais-dinheiro-que-metade-mais-pobre-do-pais.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

GRAMSCI, Antônio, 1891-1937. *Cadernos do cárcere*. v. 6. Antônio Gramsci. COUTINHO, Carlos Nelson; NOGUEIRA, Marco Aurélio; HENRIQUES, Luiz Sergio (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/237/223>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MACIEL, Willyans. *Dialética*. [on line]. Revista Infoescola. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/dialectica/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MAGALHÃES, Lucy (Trad.). *A Alegoria da caverna: A República*. 514a-517c In: MARCONDES, Danilo. Textos Básicos de Filosofia: dos Pré- socráticos a Wittgenstein. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MARX. Karl. *O Capital: crítica da economia política, Livro 1. O Processo de Produção do Capital*, v. 2. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 21ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SCHLESENER, Anita Helena. *Marxismo e educação: Limites e possibilidades do conceito de emancipação*. In: SCHLESENER, Anita Helena; MASSON, Gisele; SUBTIL, Maria Jose Dozza. Marxismo (s) & Educação. [on line]. Ponta Grossa: UEPG, 2016, 268 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/n7ckq/pdf/schlesener-9788577982110.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SCHELESENER, Anita Helena. *Educação e Emancipação: Limites e possibilidades*. Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate. Salvador, v. 5, n. 1, p. 53- 62, jun. 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9634/7048>. Acesso em: 18 abr. 2018.